



Universidade Estadual da Paraíba

Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

Centro de Humanidades – Campus Guarabira

Departamento de História

Curso de Especialização em História Cultural

SEVERINO DO RAMO BANDEIRA

**ANÁLISE DO FILME DO COMEÇO AO FIM: INCESTO E O HOMO
EROTISMO NA CULTURA DAS (IN) VISIBILIDADES**

GUARABIRA – PB

2012

SEVERINO DO RAMO BANDEIRA

**ANÁLISE DO FILME DO COMEÇO AO FIM: INCESTO E O HOMO
EROTISMO NA CULTURA DAS (IN) VISIBILIDADES**

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em História Cultural, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III-Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título de Especialista.

Orientador (a): Prof^a Dra. Elisa Mariana Medeiros Nobrêga.

GUARABIRA – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

B214a

Bandeira, Severino do Ramo

Análise do filme Do começo ao fim: incesto e homoerotismo na cultura das (in)visibilidades / Severino do Ramo Bandeira. – Guarabira: UEPB, 2011.
39f.: Il.,Color.

Monografia (Especialização em História Cultural) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Elisa Mariana de Medeiros
Nobréga”.

1. Cinema 2. Incesto Homossexual 3. Identidade
I.Título.

22.ed. CDD 791.43

SEVERINO DO RAMO BANDEIRA

Análise do filme do começo ao fim: incesto e o homoerotismo na cultura das (in) visibilidades

Aprovada em 19 / 06 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Elis Mariana Nóbrega

Prof^a. Dra. Elisa Mariana Nóbrega - Orientadora

UEPB (CAMPUS III)

Joedna Reis de Menezes

Prof^a Dra. Joedna Reis de Menezes

UEPB (CAMPUS III)

1º Examinador

Edna Maria Nóbrega Araújo

Prof^a Dra. Edna Maria Nóbrega de Araújo

UEPB (CAMPUS III)

2º Examinador

Guarabira – PB

AGRADECIMENTO

Aos meus ancestrais, deuses (as) e espíritos de Luz;

Aos meus colegas pelas trocas de múltiplos saberes, em especial,
Leandro Rocha e Fernando Domingos;

Ao corpo docente desta instituição de ensino superior pela rica
contribuição a minha formação acadêmica, especialmente à minha
orientadora: Prof^a Dr^a Elisa Mariana Medeiros Nóbrega;

Aos meus pais e ao meu irmão Claudionor (in memoriam) partes
amputáveis de mim.

Agradeço.

O amor que é essencial,

O sexo, um acidente;

Pode ser igual;

pode ser diferente...

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Este trabalho tem como proposta analisar as práticas homoeróticas e o incesto no processo da cultura das (in) visibilidades através da obra cinematográfica brasileira *Do Começo ao Fim* (2009), dirigido por Aluizio Abranches. Problematizar como as práticas incestuosas são representadas na narrativa, assim como, para os múltiplos olhares dos usuários, numa genealogia e seus conflitos entre homoerotismo e incesto. Como a mídia eletrônica visibiliza as críticas, os depoimentos e as diversas formas de aceitação, por seus usuários comuns e críticos de cinema, ou seja, compreender como são fabricados e reproduzidos papéis identitários referentes às práticas homoafetivas e seu processo de presentificação. Enfatiza-se ainda, como nas produções cinematográficas brasileiras, cria-se um campo fértil para problematizarmos as formas de amor e ódio, dos afetos e da ira que estruturam os laços de sociabilidade no cotidiano brasileiro. Para isso, utilizamos os autores: Levis-Strauss, Sigmund Freud, Michel Foucault, Antonio Moreno dentre outros.

PALAVRAS CHAVES: Cinema. Incesto Homossexual. Identidade.

ABSTRACT

This work has a proposal for analyzing homoerotic practices on the cultural process of invisibility through the cinematographic work “From beginning to the end” (2009) directed by Aluizio Abranches. To render problematic the way incestuous practices are used on narrative, just like users do in genealogy with their conflicts between homoeroticism and incest. Electronic communications visualize criticism on acceptance among users, including movies critics and identifiable roles connected with homopractices and interaction. There is emphasis on Brazilian cinematography that involves relationship between love and hatred, including affection and anger which provide sociability alliance in the daily Brazilian life. Therefore we use the following authors: Lévis-Strauss, Freud, Michel Foucault, Antonio Moreno etc.

Keywords: Cinema. Incest homosexual. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O HOMOEROTISMO NO CINEMA BRASILEIRO.....	12
1.1 O incesto e homoerotismo na cultura das (in) visibilidade.....	19
2. REDES SOCIAIS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES.....	26
2.1 Depoimentos dos usuários comuns na rede social (Orkut).....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz uma abordagem sobre a homossexualidade e as práticas incestuosas, analisadas a partir da obra cinematográfica brasileira “Do começo ao fim” dirigido por Aluizio Abranches. Neste filme podemos não somente perceber as práticas homo afetivas, sobretudo, as de natureza incestuosa. Tais práticas na sociedade ocidental, onde o Brasil se insere, são tidas como imoral e proibida quanto à união civil de parentes com grau consangüíneos muito próximos, segundo o código penal brasileiro (Artigo 183, do atual código civil).

Com uma narrativa particular o filme relata a história de um amor incondicional como uma possibilidade, como um contraponto para um mundo cheio de violência, medo e intolerância. 1986, Thomas, filho de Julieta e Alexandre, nasce com os olhos fechados e assim permanece durante várias semanas. Julieta não se preocupa e diz que quando o filho estiver pronto, que quando ele quiser, abrirá os olhos. Foi assim, nos primeiros dias de vida de Thomas aprendeu que era livre arbítrio. Um dia, sem mais nem menos, Thomas abre os olhos e olha direto para Francisco, seu irmão de seis anos. 1992, Julieta é uma linda mulher e uma mãe amorosa. É médica de um hospital e trabalha no setor de emergência. É casada pela segunda vez com Alexandre, pai de Thomas. Pedro, seu primeiro marido e pai de Francisco moram na Argentina. Julieta e ele continuam bons amigos. Durante a infância, os irmãos são muito próximos, talvez próximos demais, segundo Pedro, que passa uma temporada com eles em Buenos Aires. Anos mais tarde, quando Francisco tem 27 anos e Thomas 21, Julieta morre repentinamente em um acidente de carro. Francisco e Thomas se tornam amantes e vivem sua história de amor.

Em se tratando de um tema tão delicado como o incesto, é imprescindível o escrupulo e a atenção. Seja da antropologia, Etnologia, sociologia ou psicanálise, a violência sexual intrafamiliar não deve ser abordada como um fenômeno social isolado, embora na obra cinematográfica não evidencie a violência familiar, ao contrário, possui um ambiente familiar onde os laços de afetividades e compreensões estão presentes, fazendo com que analisemos não somente essa harmonia familiar como é abordado por Aluizio Abranches, sendo incesto e a homossexualidade algo natural, porém, percebemos que a sociedade no seu processo de “aceitação” explícita e às vezes oculta várias formas de preconceito não somente sexual, mas

racial, étnica e econômica. Pois, historicamente, a sexualidade humana teve como parâmetro a heterossexualidade como norma. Cada sociedade tem como base de sustentação de sua estrutura um conjunto de normas e regras que orientam e algumas vezes definem o comportamento de quem faz parte dessa sociedade.

A passividade dos personagens foge a determinados padrões vistos na sociedade, em seus discursos de auto-aceitação, pois ainda produz efeitos colaterais muito fortes, talvez este tenha sido o motivo pelo qual o autor tratou o incesto e a homossexualidade no filme à dinâmica de “aceitação” pra não causar impactos. O tabu do incesto continua sendo uma incógnita na atualidade, grandes intelectuais como Sigmund Freud e Claude Lévi-Strauss procuram, de alguma forma, esclarecer questões sobre esta análise da proibição da relação sexual intrafamiliar. Entre eles, o consenso é que esta interdição seria um fenômeno sócio-cultural de caráter universal. Não existem normas e valores absolutos para todas as comunidades, portanto, é incorreto julgar ou avaliar moralmente determinadas praticas cultural. Este etnocentrismo deve ser posto de lado, até porque a tendência dos povos é julgar outras etnias e formar juízos segundo os moldes da sua própria cultura, considerada configuração saudável para os indivíduos que a praticam.

Evidente que sobrepor explicações que justifiquem uma ação bárbara apenas como aspectos culturais seria uma injustiça, como exemplo, o estupro de uma filha por seu pai, ou o infanticídio, como é permitido na cultura dos esquimós. Pois, apesar da diversidade dos costumes, nenhuma ação é justificada se ultrapassar a fronteira que separa o etnocentrismo do respeito á vida humana (NASCIMENTO, 2005).

Acontece que na sociedade ocidental, por exemplo, onde o incesto é proibido, existem ações e práticas que, se não permitem, acabam facilitando a não prevenção deste crime. A existência de determinadas crenças, mitos, valores, costumes e praticas educativas presente em nossa cultura findam por desrespeitar os direitos da criança, prejudicando as mesmas em seu desenvolvimento. São padrões culturais que perpassam varias gerações, e que, por sua vez, contribuem para a não garantia os direitos da criança e do adolescente, mesmo depois da implementação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) Sendo a sexualidade humana dimensão relevante na constituição da individualidade, qualquer interferência a vivência afetiva sexual configura-se concretamente como violação dos direitos humanos. Em nossa realidade, podemos afirmar que esta violação também se expressa através dos preconceitos referentes à identidade afetiva sexual e de gênero.

Por isso, essa monografia divide-se em 02 capítulos. O primeiro capítulo, **O homoerotismo no cinema brasileiro**, promove-nos uma breve análise no que se refere às práticas e as subjetividades representativas do homoerotismo nos cinemas brasileiros. Antônio Moreno (2002) foi um dos que norteou nossos estudos, pois sua obra dimensiona a expressão homoerótica no cinema, produzido no Brasil. Além de apresentar a visão dos cineastas brasileiros que, segundo o autor, se revela estereotipada ao abordar o universo homossexual, projetando personagens afetados, enrustidos ou cômicos. Dessa forma, o estudo aqui proposto, neste capítulo, visa analisar não apenas o retrato que o cinema brasileiro faz do homossexual masculino configurado em personagem de cinema, mas, a incestualidade homoerótica masculina, na obra cinematográfica **Do Começo ao Fim**. Para isso fez-se indispensável os olhares destes grandes estudiosos: Lévi-Strauss e Sigmund Freud. Os quais vêm contribuir significativamente para a construção conceitual do incesto, todavia, para a compreensão dessas práticas culturais, que perpassam desde sociedades mais primitivas à da sociedade contemporânea, onde nela, ainda suscita questionamentos diversificados sobre o tabu do incesto e suas práticas.

No segundo capítulo, tratamos de como as práticas e representatividades são analisadas nas redes sociais, digo, na comunidade Orkut, pelos usuários, através de seus depoimentos: críticas e /ou elogios, sobre esta película que trata da relação homoafetiva masculina incestuosa e o homoerotismo na contemporaneidade. E analisar como diretor e roteirista deste filme, Aluizio Abranches, percebe em sua obra, a filmografia homoerótica e suas estruturas sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas, a cerca do assunto por ele abordado em sua obra cinematográfica, **Do Começo ao Fim**: incestualidade e homoerotismo ao processo do dinamismo na sociedade contemporânea.

1. O HOMOEROTISMO NO CINEMA BRASILEIRO

Conforme o Paradigma da Nova História, a qual permite aos historiadores uma amplitude de análises em meio ao processo de conhecimento histórico, isso após o lançamento da Revista dos Annales em 1929 na França surgiu novas técnicas, novas abordagens, novos conceitos, fontes e objetos que possibilitam a realização de vários outros temas fazendo uma ruptura com a Tradicional História, a exemplo de Michel Foucault, o qual problematiza não apenas o objeto histórico, mas a própria forma de pensá-lo; neste momento os grupos marginalizados entram em cena para problematizar as instituições, para demonstrar que os sujeitos são constituídos de diferentes formas na história e que isto depende do lugar e do momento ao qual estão inseridos, uma vez que a técnica disciplinar se espreita nas suas diversas maneiras.

Dessa forma, o tempo já não se torna tão linear quanto pensavam os positivistas, nem levaria mais a um progresso almejado pelas ciências, para isso foi necessário duas guerras com proporções mundiais e resultados catastróficos para a humanidade, pois como bem falou McLuhan (1911-1980) “os homens criam as ferramentas, as ferramentas criam os homens”. Portanto, as novas ferramentas do saber historiográfico começam a ganhar novas proporções com os movimentos sociais que começam a surgir, em especial os movimentos feministas que influencia outros grupos a exemplo dos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) na década de 1970, a refletirem sobre suas posições socioeconômicas e culturais, mas principalmente sobre uma reivindicação voltada a novas formas de pensar. É hora de pensar de outra maneira e de fugir de um conhecimento que privilegia um modelo, uma verdade.

A verdade se torna múltipla e se fragmenta em várias, pois as pessoas estão acompanhando-a, o que era de se esperar, uma vez que ela surge com nova roupagem dentro de um contexto onde até mesmo as roupas das pessoas mudam junto com o seu modo de ser, temos como exemplo o aparecimento da minissaia, numa tentativa explícita de expressar seus pensamentos através do corpo. E este não se torna mais uma prisão, por mais que sua matéria tenha sido limitada a um espaço de controle, seja a prisão, o hospital, a escola etc., e Foucault mostrará que esses espaços foram criado em determinado tempo junto com o próprio objeto que lhe dá razão de existir, o louco, o doente, o pederasta, o marginal, o homossexual, etc. De acordo com Paul Veyne, Foucault estaria preocupado não naquilo que a verdade, em seu

conteúdo explícito, tinha para informar, mas “de onde vem a idéia de que a verdade seja no mínimo, verdadeira?” (VEYNE, 1985, p. 08).

Isso resultou na materialização de diferentes modalidades de preconceito e, conseqüentemente, na imposição e na naturalização da (in) visibilidade das práticas homoafetivas que são alvo de discriminação que se expressa na posição de rejeição assumida, na maioria das vezes, pela família, nos ambientes de trabalho e de participação política, nos espaços de lazer, de amizade e em praticamente todas as dimensões humanas. Sobretudo o incesto. Assunto este que deve ser mais discutido na contemporaneidade. Qualquer afirmação que aborde apenas aspectos relacionados ao ato em si é uma explicação errônea, incoerente, incompleta. È inevitável considerar a história de vida do perpetrador, o vínculo deste com a criança, a intensidade e duração da violência, a percepção da vítima e principalmente, os aspectos culturais.

É notável uma cristalização de conceitos sobre a sexualidade e em especial a homossexualidade que, chegando ao século XXI, se reproduz mantendo um sistema de repressão estatal e social, gerando uma situação de exclusão generalizando de tais sujeitos: os gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgeneros.

O cinema foi determinante para a modificação nas formas de propagação da cultura. Entre outros papéis, o de criar ilusões, de fazer com que a representação de algo seja dada como verdadeira, esteja mais próxima de uma realidade palpável, por mais que esta, seja imaginada, criada; porém é importante pensar que toda representação está inserida dentro de um contexto histórico que se percebe enquanto fundador de imagens e sons. Para isso, a história cultural, cuja proposta “é decifrar a realidade do passado por meio de suas representações” (PESAVENTO, 2003, p. 42) oferece aporte teórico para a análise dessa pesquisa, uma vez que a linguagem – tanto discursiva quanto imagética – construída por meio de suas narrativas permitirá refletir acerca da imagem homoerótica, sobretudo, o incesto.

Segundo Sandra Pesavento a “cultura é um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (2003, p. 15), portanto, os filmes também são instrumentos de saberes que permeia e cristalizam imagens e discursos no imaginário das pessoas. São essas representações que institui na mentalidade numa posição binária de aceitação/negação de sua identidade, uma vez que, o cinema em seus diversos temas propõe uma imagem de seus personagens diferenciados.

O cinema manteve-se em uma retórica objetiva, onde as imagens falavam por si só, pois é através da mecânica que “se elimina a intervenção e assegura a objetividade. Portanto, sem intervenção, sem deformações, o cinema coloca na tela pedaços de realidade, coloca na tela a própria realidade. (...) O filme, ter visto na tela, tornaram-se para nós prova de verdade. (Bernadet, p.7), uma vez que, como bem falou José Murilo de Carvalho, citando Mirabeau, em seu livro *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, “não basta mostrar a verdade, é necessário fazer com que o povo a ame, é necessário apoderar-se da imaginação do povo”. (CARVALHO, 2004, p. 11).

Portanto, para desconstruir essa idéia que tenta naturalizar as imagens em relação ao gay, é importante observar o filme não como uma realidade neutra, mas como uma obra de arte, como uma realidade pensada, elaborada por alguém por trás de seus efeitos áudio-visuais, pensá-lo como uma imagem-objeto, que “integra-o no mundo que o rodeia e com o qual se comunica necessariamente” (FERRO, 1975, p. 6).

Para isso, de acordo com Marc Ferro (1975, p. 6), é preciso aplicar métodos a cada substancia do filme, seja ela imagem, imagens sonoras, ou não sonorizadas; analisar no filme, principalmente,

A narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa.” (FERRO, 1975, p. 6)

Segundo Sandra Pesavento, “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente, é um apresentar de novo.” (2003, p. 40) desse modo, a imagem do gay não somente estaria sendo fortalecida com o cinema, mas também uma série de discursos instituídos como uma verdade acerca de uma parcela da população que mesmo pertencendo a um grupo (LGBT) em comum têm diversas formas de se representar e ver o mundo.

A linguagem com suas diferentes expressões têm o seu momento histórico e com isso muda de acordo com os acontecimentos de cada época. E assim, “toda sociedade institui uma política da verdade, uma economia da verdade, como também uma polícia da verdade.” (ALBUQUERQUE JR, p. 14) E o cinema com suas linguagens específicas, que adentram o imaginário das pessoas com suas representações sonoras e visuais, não somente causam impactos emocionais nas pessoas, como também institui valores que se refletem nos corpos, pois a sociedade, nos dias de hoje, tornou-se midiática por excelência.

A partir da década de 1980, uma série de transformações fez com que outros olhares fossem tomados como importantes. A ciência, em especial as ciências humanas, havia percorrido constantes debates em torno de seus paradigmas. A história, por exemplo, com novos campos abertos para a linguagem, o imaginário, as representações. Segundo Fernando Domingos, Considerando tais aspectos:

Não podemos negar as nuances relativas ao processo de mudança pelo qual o Brasil tem passado especialmente nas últimas duas décadas no tocante aos aspectos econômicos, políticos e culturais. Em outras palavras, significa falar de um país que migra do status de subdesenvolvido para emergente, detendo uma economia que se pretende a quarta maior do planeta, já atuando de maneira significativa no cenário internacional, marcando presença nos principais debates que envolvem as chamadas nações desenvolvidas”. (p.03, 2011)

Essa mudança no status internacional foi, em grande medida, fruto de um processo de mudança interna, promovendo o crescimento da economia com investimentos nas mais diversas áreas, em especial na cultura que, a partir de 1991, conta com a Lei nº 8.313, conhecida como Lei Rouanet, instituinte do Programa Nacional de Apoio à Cultura, também conhecido como o PRONAC, visando aplicar recursos para o desenvolvimento cultural a fim de estimular a produção e a distribuição, como também facilitar o acesso a cultura por meio de CD's, DVD's, espetáculos musicais, teatrais, cinemas, livros, revistas, cursos, oficinas e outros, buscando como resultado final a difusão da cultura brasileira em suas mais diversas expressões. Tratados desta forma, superficial, estas palavras podem soar como a construção de uma narrativa sobre um Brasil que conseguiu ao longo das duas últimas décadas superar suas inúmeras desigualdades sociais e econômicas.

As temáticas em torno das quais se arquitetam as produções do nosso cinema têm apresentado uma clara tendência a abordar questões ligadas ao cotidiano e aos conflitos sociais de modo geral, com temáticas muitas vezes intimistas, relacionadas a questões existencialistas, representando filmicamente múltiplas nuances da incoerência da existência humana. Se apresentando definitivamente como um “novo” espaço de debate social, que tem convocado o público a refletir e opinar a respeito de questões e relações cotidianas, como amor, fidelidade, traições, casamento e separações, famílias, drogas, músicas; abordando ainda temas como a violência e a realidade social, passeando pelas favelas, pelos bicos, guetos, shoppings, avenidas e condomínios residenciais, mergulhando nas problemáticas que envolvem o cenário político, denunciando a corrupção e questionando posições estabelecidas pelos padrões normativos que dão conta da representação de um modelo identitário marcado

em muitos aspectos por aquilo que Pierre Bourdier (2010) chamará de “dominação masculina”, possibilitando o espectador (a) refletir sobre temas antes considerados marginais ou mesmo desinteressantes à cultura de massa.

Regina Maria Rodrigues Behar (2010), em seu texto intitulado *Cinema e História: Um Diálogo Contemporâneo e Suas Possibilidades convida-nos* e nos leva por um caminho de reflexão em torno da conquista do espaço que o cinema garantiu ou instituiu para si, não apenas na sociedade como um todo, mas especialmente no meio acadêmico. Por meio do cinema ou da sétima arte, a sociedade é conduzida a refletir e pensar seus valores, condutas e vivências, rompendo com fronteiras estabelecidas e percebidas como naturais ao longo do tempo, ampliando o leque de possibilidades da compreensão.

O cinema encontrou lugar em nossa sociedade por sua capacidade de contar histórias, e ao longo de seu desenvolvimento técnico, de forma cada vez mais complexa, envolvendo diversas linguagens. O filme é um texto narrativo mais complexo que o romance [...]” (Behar, 2010:300)

Pensando do ponto de vista da historiografia, além da amplitude que caracteristicamente pertence ao cinema, nos voltaremos aqui para a flexibilidade e a interdisciplinaridade da Nova História; que nos permite, enquanto pesquisadores e historiadores, dialogar com outras ciências, disciplinas ou maneiras de pesquisar e conhecer. Graças a este processo hoje podemos tomar a produção cinematográfica como dupla referência, documento histórico e objeto da História, cujos discursos verbais e imagéticos têm muito a nos dizer e, por isso, devem ser questionados, lidos, pesquisados e investigados a partir do estabelecimento de um diálogo epistemológico com as múltiplas produções teóricas que se nos apresentam, nas perspectivas de que este seja um diálogo cada vez mais profícuo e fértil, trazendo à luz da historiografia a possibilidade de analisar as artes de fazer da nossa vida em sociedade.

Em seu livro, *Devassos no Paraíso* (2007), João Silvério Trevisan aborda a temática da homossexualidade no Brasil, iniciando sua jornada desde o período colonial até a atualidade. Esta obra teve várias reedições, obtendo boa crítica e fornecendo um conteúdo que nos permite ter uma visão panorâmica do desenrolar da vivência gay no país. Trevisan em um texto intitulado de *As elites homofóbicas*, dá conta de um grupo social composto por parte da sociedade brasileira que “luta” em defesa da família, da moral e dos bons costumes, composta pelos detentores de um poder social, que conseguem estabelecer certo domínio sobre a

cultura, a economia e a religião, efetivando uma fiscalização, exercendo relativo controle sobre o comportamento social, logo traduzido em repressão sobre a conduta sexual “indevida”, diferente ou contrária aos padrões em execução, impondo aquilo que seria natural ou normal na perspectiva da elite dominante. Esse suposto zelo pelos bons costumes e pela moral da família apresentou aos “transgressores” os limites expressos pela inquisição, códigos penais, portarias policiais e a censura estatal

Em *Corpo, Gênero e Sexualidade* (2008), a historiadora Guacira Lopes Louro afirma que hoje vivemos uma nova realidade, onde a transitoriedade e a instabilidade se transformaram em características da pós-modernidade. Os padrões, as certezas e regras do passado estabelecidas pelo homem branco, ocidental, heterossexual e de classe média que exerce a dominação masculina, estão cedendo espaço quer queira ou não, para questões “cruciais” e assim colocando suas posições e teorias, apresentadas e defendidas como naturais e universais em dúvida. Essa transformação que hoje vem ganhando mais espaço, provavelmente surgiu durante a década de 1960, onde grupos sociais submetidos, silenciados e identificados como minorias, faziam-se ouvir por meio de suas ações e posições percebidas como desvalorizadas e ignoradas, anunciando um novo comportamento e uma nova cultura complexa, múltipla, desarmoniosa e sem regras de continuidade, que reclama o seu lugar social, questionando os espaços estabelecidos, as fronteiras e o centro. Se há um centro instituído, há um discurso em torno dele e uma conclusão, que se apresenta no dogma e nas regras da normatividade das representações e das vivências de gênero e de sexualidade, logo estar fora desses padrões prontos e estabelecidos, implica automaticamente se transformar num transgressor, desviante e excêntrico, se posicionando na contra mão das regras apresentadas como naturais e logo, dos dogmas vigentes.

Para Guacira L. Louro, não podemos ignorar ou subestimar as histórias de subordinação vividas pelos grupos dos diferentes e ao mesmo tempo deveríamos entender que todas as posições, podem se mover, pois nenhuma é fixa, nem natural ou estável e ao mesmo tempo perceber que os “diferentes” estão nos dizendo coisas, de que eles são parte da sociedade e que a verdade é plural. Quanto à sexualidade, Louro rompe com a posição binária que indica apenas duas alternativas para sua vivencia, se limitando entre o homossexual e o heterossexual, e assim não se pretende fechar a questão quanto às diferenças, mas ampliá-la à flexibilidade do relacional, contingente, provisório e transitorial ignorando as fronteiras.

Precisamos, enfim, nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições. (Lopes, 2008:51)

A sexualidade foi colocada na pauta social como uma questão existencial e de caráter, a sexualidade foi forjada para servir apenas para ao prazer heterossexual e totalmente voltado para o sexo masculino, onde o feminino e os seus semelhantes ou simplesmente diferentes do referencial dominante ficou com o dever e a obrigação de ser dominado e logo servir. Assim condicionando toda a sociedade a um padrão de conduta subordinada ao masculino e fixada na heterossexualidade ou na homossexualidade, fora dessas duas opções de vivência da sexualidade não haveria mais nenhuma outra. Buscou-se controlar os impulsos e desejos sexuais, a medicina, a psicologia, a religião e o Estado ditaram normas de conduta, edificando e unificando um padrão que deveria ser reproduzido, e simultaneamente condenando tudo o que se manifestasse fora dos padrões e princípios já estabelecidos à pena capital, com direito à morte.

O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. (Foucault, 1994:99)

Assim como em todos os espaços da comunicação humana, o cinema também exerceu repressão sobre os diferentes, reproduzindo estigmas que pretende definir homem e mulher, macho e fêmea, divulgando e defendendo o modelo patriarcal como padrão ideal de moral, negando as diferenças sexuais, relegando às mulheres o papel de objetos de desejo, constituindo a supremacia e o poder do herói, dos bravos guerreiros e dominadores masculinos. Ao tratar da temática homossexual o cinema brasileiro foi construindo um perfil e uma imagem para os diferentes entre esteriotipações carnavalescas, onde os personagens destacavam a vivencia de suas experiências negativas. Em *A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro* (2001), Antônio Moreno, realiza um levantamento dos filmes brasileiros que abordam a temática homossexual e analisam o perfil dado a essas personagens, seus primeiros registros surgem a partir da década de 1920 e se estendem até os anos 1990:

Um sujeito alienado politicamente, presente em todas as classes sociais, com preponderância na classe média baixa. De comportamento agressivo, ele freqüentemente tem um gestual feminino exacerbado, que se estende ao gosto pelo vestuário. Nos relacionamentos interpessoais, esse cara mostra tendência à solidão e é incapaz de uma relação monogâmica, pois se utiliza de vários parceiros, geralmente pagos, para ter companhia. (Moreno, 2001:45)

O cinema contemporâneo definitivamente se instituiu enquanto campo e lugar de debate para a temática da sexualidade entre tantas outras, enquanto os diferentes sofriam preconceitos e condenações por tomarem o caminho oposto ao indicado pelos padrões da normatividade social, sofriam também silenciados a dor da repressão. O cinema de maneira continuada inaugurou uma ação que permitiu aos “*sodomitas*” dar voz, forma, vida e cor as suas histórias. Nitidamente percebemos uma tentativa da dominação masculina de negar aos “*diferentes*” o direito de ser humano. O gay e a lésbica aqui em especial, foram expulsos de casa, arrancados do seio da família, foram desassociados e impedidos de conviverem em seus espaços religiosos, destes roubaram o direito à fé, ao trabalho, á uma vida digna, o simples direito de ser cidadão ou cidadã, foram perseguidos nas ruas das cidades, foram torturados pelas ditaduras, presos e condenados à morte pelas “inquisições” religiosas, políticas, militares e outras. A estes fora negado a fala e o direito de viverem suas vidas; verdadeiramente massacrados, mutilados e desumanizados, pela sociedade e sua moral.

1.1 Incesto e homoerotismo na cultura das (in) visibilidades

Entre Censuras, Ditaduras, Normatividades, Igreja, Estado, Saúde e outros elementos sociais negativos, a exemplo do preconceito versus discriminação sexual, racial e homofobia, a influência dos movimentos da contracultura e os novos interesses serviram de terreno fértil para o nascimento do Movimento Gay não somente na Paraíba, mas no Brasil. Nos fins da década de 1970 e início de 1980, não somente o movimento gay, mas também outros grupos sociais, nesta época, articulavam-se, pela defesa da visibilidade, da construção da nova forma de conhecimento, de cidadania plena e pela luta incansável por direitos civis. Tendo seus reflexos, no Brasil, nos fins da década de 1970, através do *Lampião da Esquina*, jornal da época, criado em 1978, por um grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, de ampla circulação mensal, dirigido ao público gay, como as feministas, os homossexuais aproveitaram o mesmo espaço de oportunidade no intuito de lançar as fundações para a

construção de um movimento gay. Muitos meses depois, um grupo de homens em São Paulo formou o Somos, a primeira organização pelos direitos gays do País.

O resultado disso foi à vivência de um período de efervescência da homossexualidade como, por exemplo, as paradas gays. Mas o que importa nesse aspecto é o seu desdobramento: a crescente visibilidade das práticas homoafetivas, a descoberta desse novo público nos setores comerciais e sociais e o surgimento de uma moderna subcultura gay, ou seja, o que estava em construção era uma alteração na relação entre homossexualidade e sociedade que colocava desafios para o Grupo. Elaborar novas formas de representação do homossexual na sociedade, através de Grupos de reflexão e também difundir pelo resto da sociedade os novos valores criados, objetivando a construção dos sujeitos, responsáveis pelas mudanças de visões, posturas, hábitos, transformação das pessoas a partir de um conhecimento de si e do mundo. Enfim, o que parece alimentar todas essas discussões que organizaram e organizam o movimento gay é a questão da intimidade e sua relação com o passado e presente, público e privado e a herança do “moderno”. Como afirma Luiz Mott: “A década de 1970 representa a idade de ouro para o moderno movimento de afirmação homossexual”. Comemorando-se a partir de então, neste mesmo ano, mais precisamente em 28 de junho de 1969, nas principais cidades do mundo ocidental, o Dia do Orgulho Gay.

A partir de então, um salutar patrulhamento crítico vem sendo feito pelos comentaristas de jornais e revistas especializados e pelos ativistas homossexuais, atentos em denunciar cineastas homofóbicos, eufóricos em aplaudir longas e curtas metragens que tenham o homossexual e a subcultura “lesbigay” com a mesma dignidade como devem ser enfocadas as minorias étnicas e raciais.

Segundo Humberto Mauro, “o cinema é uma cachoeira”, ou seja, é imagem em constante movimento, fervilhante, caindo, fluindo vertiginosamente como a própria água atraída pela lei da gravidade, gerando idéias, fazendo supor outras opções sobre determinadas questões. E quando o cinema experimenta uma idéia, e esta idéia está centrada na relação entre seres humanos, ele busca, da mesma forma que a sociedade estruturou e codificou a distinção entre homens e mulheres através da gestualidade de seus personagens, com certeza o fator mais importante no ato de representar, imitar.

Outros fatos além do incesto, que sem dúvida merece destaque neste filme é o da nudez, do romantismo homoerótico, sobretudo os laços de afetividades que estão entrelaçados nos personagens. Para Hália Pauliv de Sousa, a afetividade é um sentimento marcado

intensamente por ações sem controle intencional, é experiência emocional, é tendência a reagir com emoção. Envolve sentimentos e sempre passa pelos pensamentos. É capacidade de expressar-se na linguagem da emoção despertada devido às idéias enunciadas ou percebidas, bem como a de despertar-nos outros idênticos sentimentos. É uma suscetibilidade aos estímulos ou disposição para percebê-los.

O que se “fixa” neste filme é este processo harmonioso do “aceitar” a relação incestuosa entre os dois irmãos, além dos fatores psicológicos que o autor e roteirista, Aluizio Abranches, harmoniza em seu romance, não poderia faltar harmonia em seu espaço físico, numa bela casa estilo modernista, com janelas de vidro, aberta para jardins bem cuidados e a paisagem exuberante do Rio de Janeiro, se desenrola uma trama que deveria nos fazer repensar tabus e preconceitos em torno de um incesto homossexual. Nesse núcleo, pai e mãe são unidos, liberais e bem sucedidos profissionalmente. Os filhos são carinhosos e saudáveis, um deles, ao crescer, é convidado a treinar para as Olimpíadas. A intimidade entre os meninos, iniciada com a primeira troca de olhares ainda na maternidade, não dista muito do que dois irmãos convencionalmente vivenciam. Em nenhum momento, porém, a naturalidade proposta para que os irmãos sintam algo além do amor fraterno convence. Muito menos quando eles têm sua primeira noite de amor, a qual, como num rito de passagem, se dá após voltarem do enterro da mãe. Os personagens parecem viver um para o outro. Sem amigos por perto e sem qualquer julgamento externo, já que até o pai oferece sua bênção para esse tipo de intimidade.



(foto da cena do filme Do Começo ao Fim (2009) Arquivo: Adriana Guivo. 07/01/10).

Francisco:- eu te amo!

Thomas:- E por que você me ama?

Francisco:- Porque você é meu, te amo porque você precisa de amor, eu te amo porque quando você me olha, eu me sinto um herói, sempre foi assim... Eu te amo, porque quando você me toca me sinto mais homem do que qualquer outro garoto...

Thomas: - Eu também te amo!

Francisco:- E porque você me ama?

Thomas: - Porque quando te toco faço você se sentir mais homem do que os outros (risos). Te amo porque nunca poderão nos acusar de amar. Te amo porque para entender nosso amor ia ser preciso virar o mundo de cabeça pra baixo!. Te amo porque você poderia amar outra pessoa mas mesmo assim você me ama, só a mim!
(texto extraído do filme: Do começo ao fim. 2009)

De acordo com o autor do filme, percebe-se um discurso imagético e fictício no que se refere tanto a fala dos personagens, quanto em seu habitat social. Sabemos que os discursos em volta ao tema que envolve relações homo afetividade e principalmente homo incestuosas, promovem, diversas discussões: sociais, econômicas, psicológicas, religiosas. Todavia, de tabus. Diante de um público tradicionalmente machista, Abranches não se acovarda:

Estou contente à beça com a abordagem. A homossexualidade, para mim, nem é mais *tabu*. Aliás, nunca entendi por que foi. Sexualidade não pega, não é doença. Sobre a questão do incesto, as personagens não vão procriar — não é pai com filha, nem mãe com filho. Se dizem que a situação não é plausível, rebato com o contrário: existem pessoas que respeitam o direito dos outros. (Depoimento de Aluizio Abranches, concedida a Ricardo Daehn. 11/12/2009).

O tabu, nesta perspectiva, para o autor, deixa de ser visto como simples elenco de proibições. Afirma-se como dispositivo que permite lidar com o poder sem correr o risco da destruição. Ao mesmo tempo revela a presença desse poder e aponta para outra dimensão da realidade.

Andréia Mello Pontes adentra num universo em que nos possibilita a dar novos significados a palavra tabu, mais precisamente, o tabu do incesto, através dos olhares dos grandes estudiosos sobre o assunto: Levi-Strauss e Sigmund Freud. Em suas abordagens teóricas sobre a proibição do incesto:

É indispensável fundamentar novas análises sempre recorrendo às bases, cuja consistência e rigor científico nos são necessários e que a proibição do incesto contem em si elementos essenciais para entendermos o desenvolvimento cultural do homem, inclusive fornece chaves para abriremos algumas portas de significado das construções simbólicas do homem de todos os tempos e certamente do homem moderno. (P. 07.2004).

A proibição incestuosa vem como característica peculiar no que se refere aos elementos sociais, composto ou regido por cada sociedade a qual elaboraram mecanismos (des) construtivos à palavra “proibido”. Subtende-se assim que cada sociedade possui seu poder político, seu poder mágico, sagrado, poético por assim dizer, já que preside à dinâmica da transformação e porque não dizer da transgressão e da individualidade. E, sob esse prisma, o tabu ganha novo colorido. Conforme este paradigma, proibido ou não, a sociedade busca de maneira quase inevitável, buscar novos conceitos que possibilite adentrar em questões, a exemplo, da violação, quer seja do espaço físico ou social, para se restabelecer e se estruturarem, através do poder político pelo qual é regido.

Conforme o entendimento da autora, as conceituações, ou seja, as abordagens teóricas feitas por Lévi-Strauss e Freud são antagônicas mediante o tabu incestuoso, as quais são merecedoras de uma análise mais profunda por se tratar da construção do sujeito histórico enquanto ser fragmentado e disperso em seu contexto histórico-cultural.

O tabu é para o homem a expressão de como ele cria um conjunto de meios, mecanismos e estratégias para lidar com a natureza desde um ponto de vista amplo, ou seja, sua relação como o meio ambiente, até a sua dimensão mais individual, fisiológica, biológica, que tem como consequência a explicitação do ser social que constrói uma ética, uma moral, regras, leis e instituições, ou seja, toda uma estrutura para objetivar-se em suas relações. (p. 08. 2004).

Percebe, então que, quanto mais tratamos de tabu, mais falamos de transgressão. No jogo do poder, ambos concorrem para o mesmo fim. Estipulam o que é permitido e o que é proibido. Sob certas condições, em determinados momentos controlados pelo grupo social, o proibido é permitido. No entanto o tabu funciona como dispositivo de represamento e canalização dessas forças.

De acordo com a autora, Lévi-Strauss, promove uma grande análise a qual vem buscar nas ciências sociais para discutir a identidade do homem e a definição de suas necessidades, pois a grande preocupação de Strauss está centrada ao homem de maneira cultural, social, de natureza:

A proibição do incesto, enquanto regra, é social, e ao mesmo tempo é pré-social. Sua condição de pré-sociabilidade dá-se por universalidade, que impõe ao homem normas e atitudes, que inclusive estão determinadas por sua consciência. Acrescido a isso se verifica que a vida sexual, que está intimamente ligada à questão do

incesto, é algo que se expressa o grau máximo de natureza animal do homem e atesta na cultura, nas relações humanas, a sobrevivência dos instintos. A proibição do incesto é para o homem justamente a expressão da transcendência concretamente objetivada numa regra que ao mesmo tempo deixa entrever a satisfação. (p.09.2004).

Assim, com o tabu do incesto, a família marca momento da passagem da natureza à cultura. É viável lembrar que nas famílias primitivas não existia monogamia, havia um estado social em que não somente o homem mantinha relações sexuais com diversos homens, sem que com isso violassem a moral estabelecida. Nesse cenário a proibição do incesto não existia. Com a origem familiar que conhecemos, tal regra torna-se fundamental. A ambigüidade dessa convenção social consiste em racionalizar o que é por si irracional, o desejo individual, onde, o desejo é mais primário do que o pensamento. Proibições, desejos, pensamentos, regras sociais, perfis de cada grupo social, vem senão, limitar, trazer-nos, condições que possam conduzir alianças para o melhor entendimento histórico cultural do homem. Perceber a partir desse processo, que os tabus são feitos para serem violados. Afinal, foram por eles, criados.

O olhar de Strauss, segundo a autora, estar voltado para as praticas incestuosas de maneira construtivas, ou seja, de como o homem em seu decorrer constrói para si conceitos, mas que esses conceitos podem ser de certa forma reconstruída conforme o seu entendimento. “Desde a sociedade primitiva”. Nesse processo, as barreiras impostas pelos tabus são como recriadas, e passam a construir os limites da própria pessoa.

A proibição do incesto põe em questão todo o processo de construção do modo como o homem relaciona-se com o outro sexo, e como que “instintivamente” cria elementos de ética, de moral, de julgamento rigoroso para aquele que não cumpre estas regras. (p. 08.02004).

Enquanto Lévis-Strauss produz um discurso, onde a razão, a consciência, as regras sociais etc., são fundamentais para a formação de caráter da sociedade em seu processo de ordem, Sigmund Freud, busca compreender o mecanismo do inconsciente presente no homem voltado para sua estrutura psicológica. “Freud, tem uma hipótese que estes devem ser os desejos e os prazeres mais antigos do homem. E o perigo surge quando sentimos os desejos inconscientes como impulso consciente”.

No olhar Freudiano, permite então tomar outra forma para produzir mecanismos no qual envolve a psicologia, ou a psique, mediante aos efeitos colaterais que destila cada sociedade com relação as suas regras sócio-cultural: neuroses, subconsciências, desejos efêmeros, possessividades, rejeição, instinto. Todavia, ele analisa soluções impostas pelo

homem no que se refere ao horror do incesto, também produzido pelo homem, através da origem do totemismo¹ e a exogamia².

As abordagens teóricas, tanto de Strauss quanto de Freud nos fazem refletir e até afirmar que o tabu mexe conosco, não é por despertar em nós ecos longínquos de dramas primitivos. É porque lembra, hoje, que o homem é para sempre um enigma, e que a vida nos devora a medida que a tentamos decifrar. Para nos orientar neste mundo sem sentido, precisamos ordená-lo, organizá-lo, atribuir-lhe precisos. Mas o tabu está aí para sinalizar que todo limite pede para ser ultrapassado, e que a estranheza é a nossa substância. O filme “Do Começo ao Fim” encaixa-se neste véis de estranheza. Estranheza que possibilita discussões para novos entendimentos do homem no decorrer da sua trajetória como sujeito histórico, que seja como ser individualizado ou em grupo.

¹ **Totemismo** é um conjunto de idéias e práticas baseadas na crença da existência de um parentesco místico entre seres humanos e objetos naturais, como animais e plantas. O conceito refere-se a uma ampla variedade de relações de ordem ideológica, mística, emocional, genealógica e de veneração entre grupos sociais ou indivíduos específicos e animais ou outros objetos naturais, que constituem o totem. O termo deriva da palavra o toteman, do idioma dos índios algonquinos, do leste dos Estados Unidos. A raiz gramatical Tote indica uma relação de sangue entre irmãos e irmãs, filhos da mesma mãe, que não podem se casar entre si.

² **Exogamias**.f. Casamento de um indivíduo com um membro de grupo estranho àquele a que pertence. Medicina Fecundação protozoária pela união de elementos que não derivam da mesma célula.

2. REDES SOCIAIS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Os conteúdos publicados nas redes sociais contribuem para o processo de visibilidades, de representação e (des) construção, no que tange a formação sócio-cultural e histórica do indivíduo, por serem ferramentas provedoras do conhecimento e de alterações. Elas promovem vida em comunidade e cooperação, possibilita alterar ou misturar criações de terceiros, melhorar experiência on-line, diversão, educação, controle e domínio do que queremos buscar ou usar, abrindo espaço para assuntos muito específicos e colocando o usuário em primeiro lugar e no centro das atenções.

A obra cinematográfica, *Do Começo ao Fim*, possibilita-nos através das redes sociais discutirmos as relações sociais, através, das opiniões dos usuários comuns à críticos de cinemas. *Do Começo ao Fim*, promove uma discussão inquietante aos seus usuários por se tratar de um assunto delicado, porém provocativo e instigante que são as relações incestuosas homo afetivas existentes neste filme. Abre janelas para definirmos e compreendermos comportamentos, ética, moral, representatividades, amor, ódio, loucura e sanidade, subjetividades, poder, desejos etc. Dividindo opiniões, compartilhar de idéias e ideais que se pronunciam, comprovando assim o dinamismo no cotidiano cibernético, através dos depoimentos.

O que caracteriza, no entanto, a fala dos usuários em seu cotidiano é a interação perspicaz, a qual subdivide opiniões adversas no processo de aceitação ou não. Estes conteúdos culturais publicados e compartilhados nas redes sociais influenciam na contribuição deste capítulo, por comprovar que atualmente as redes sociais podem ter grandes influencias sob o meio sócio-cultural e histórico e que também o consumo cultural desempenha papel importante na economia criativa. Neste sentido, compreender o processo de relacionamentos sociais implica também respeitar as opiniões dos usuários relacionados com seus depoimentos, idéias, sugestões e nomenclaturas. Partindo desta premissa percebemos que a ética é fator essencial na afirmação da apropriação desses conteúdos culturais.

Michel de Certeau em seu processo de entender e explicar as práticas de uso e consumo, as relações sociais, enfim, os objetos sociais. De como essas práticas de uso e de consumo são representadas cotidianamente, como um conjunto de práticas e operações, ou seja, como o fundamento da vida cotidiana não está na individualidade, mas sim no convívio

social, nas regras e práticas sociais. Conforme o autor, os sujeitos sociais são representativos através de suas práticas e seus usos em seu cotidiano.

“A análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comparados no supermercado ou relatos ou relatos e legendas que o jornal distribui”. (CERTEAU, 1994, p. 39)

Segundo Certeau (1994, p. 39), a esta outra produção também podemos chamar consumo: “esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”.

Faz-se necessário entender que a cibercultura não deve ser entendida, no entanto, apenas como aspecto isolado e que afeta somente os usuários da rede digital, mas, observá-la em outro viés, a exemplo: das instituições financeiras (econômica), religiosas, governamentais, educacionais. Resignificando o processo das novas linguagens e práticas sociais, mesmo aqueles que não possuem diretamente acesso as redes sociais.

2.1 depoimentos dos Usuários Comuns na rede social (Orkut)

O Orkut vem com ferramenta fundamental neste capítulo, não por entender que deva ser o mais importante ou único, mas por promover elementos que venha “autenticá-lo” através dos depoimentos registrados pelos seus usuários. Sobretudo, as suas discussões em volta da obra cinematográfica: *Do Começo ao Fim*.

Sites de redes sociais são caracterizados principalmente pela exposição pública da rede de conexões de um indivíduo, que mostra aos demais quem são seus amigos e a quem está conectado; e pela construção de representações das pessoas ali envolvidas. Assim, as redes sociais na Internet não podem ser confundidas com a ferramenta que as suporta; são, por si, expressões de grupos sociais, de pessoas e instituições que estão permanentemente interconectadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação. São constituídas pelas representações das pessoas (os perfis no Orkut, as páginas pessoais etc.) e as conexões que existem entre essas representações (“amigos” no Orkut, links em um blog, etc.).

As pessoas estão utilizando essas ferramentas para reencontrar amigos, auxiliar a manter relações sociais e ampliar suas redes. Aqui, portanto, temos um primeiro ponto: As

redes sociais na Internet vão expressar um conjunto de relações já existentes e vão manter um espaço contínuo de conexão para os atores sociais. Dentro dessa perspectiva, essas redes vão se constituir sim em espaços de trocas e interação e é esse o primeiro uso dessas ferramentas: conectar pessoas.

É essa conexão que contém grande parte do apelo dessas ferramentas. Não apenas pelo valor da sociabilidade, mas, também, pelo valor do lazer. Assim, são comuns os casos de pessoas que encontram amigos de infância com quem não mantinham contato há anos através do Orkut, ou famílias que se reúnem com parentes desaparecidos, descobertos através dessas ferramentas. Assim, as ferramentas de comunicação mediada pelo computador não criam redes sociais desconectadas, distantes do mundo concreto de um determinado indivíduo. Ao contrário, expressam e complexificam as relações sociais já existentes, a partir do momento em que parte dos espaços sociais vai desaparecendo do mundo contemporâneo.

Outro ponto importante que precisamos levar em conta nessa discussão é que essas redes sociais, como espaços de "expressão do eu", são também construídas através da comunicação. São unicamente as trocas entre os indivíduos que vão estabelecer as conexões que depois serão mantidas pelo sistema. Como espaços sociais, as redes ultrapassam o objetivo da ferramenta. Elas vão além daquilo que foi pensado como possível. Assim, essas tecnologias têm seus significados reconstruídos pelos grupos sociais, que fornecem, através de suas práticas, sentidos diferentes para cada ferramenta.

As comunidades do Orkut, originalmente criadas como espaço de discussão, passaram a ser utilizadas por muitas pessoas como meros "crachás", demonstrando filiações e gostos e auxiliando na construção de um perfil. Assim, as comunidades foram apropriadas pelos grupos sociais brasileiros e reconstruídas com novos sentidos. Essas apropriações não são determinadas pelas ferramentas e são quase sempre criativas e diferentes para grupos sociais diferentes. Essas apropriações vão construir redes sociais diferentes, conexões diferentes em cada espaço. Isso significa que os sites de redes sociais não são utilizados do mesmo modo. Grupos diferentes criam sentidos diferentes para as ferramentas. Isso significa, também, que as redes sociais que são expressas nesses sites não são todas iguais. Mais ainda, dentro do mesmo sistema, podemos ter diferentes apropriações. Há, por exemplo, muitos grupos utilizando o Orkut como ferramenta de expressão. Mas também há grupos que se organizam e trocam informações através da ferramenta. Assim, a apropriação não pode ser generalizada ou

generalizadora. O sentido é construído na ação das pessoas e em sua interação. Segui uma conversação dos usuários na rede social sobre o Filme:

É exatamente nos gestos mais simples que se encontra a felicidade, e ela se torna muito gratificante quando alguém que gostamos faz questão que estejamos sempre felizes. A maioria das pessoas tem irmãos, cujos esses variam o modo de se tratarem, brigam, brincam, enfim são felizes das formas mais singelas que possa existir, e em algumas ocasiões essa felicidade e cumplicidade acaba se confundindo e ficam próximos, mais próximos do que a sociedade é capaz de entender. Viram cúmplices, amantes e se o tempo e espaço permitirem acabam por sexualizar a relação. Talvez não exista uma relação mais verdadeira do que uma relação de amor entre irmãos, mas afinal o que é que explica isso, a ciência, a religião, a sociedade, enfim, tenho para mim que tá aí uma coisa que nada explica, com certeza existe em algum lugar um casal de irmãos que vivem uma relação de amor. Outrora nosso ancestral mais primitivo, o homem das cavernas, e é claro algumas culturas, viam e vêem a relação entre irmãos normal, seja por instinto ou por cultura, não podemos nos esquecer que nos nossos parentes mamíferos poucos constituem família a maioria se relaciona uns com os outros sem distinção de parentescos. Vale lembrar também que se nós seres humanos não constituíssemos família, acredite aconteceria de nos envolver com nossos irmãos, o que distingue isso é o conhecimentos de causa, quantos casos já existiram e sempre existirá de casal loucamente apaixonado com uma relação magnífica, perfeita e em alguns casos até com filhos e que anos depois descobrem que são irmãos, nessa situação o que eles devem fazer depois de descobrirem tal fato, depois de tanto tempo, tantos momentos de prazeres, simplesmente se separarem depois de tanto tempo juntos e com filhos, não é o fato deles se afastarem que irá apagar todos os belos momentos que tiveram juntos. O filme de Aluisio Abranches e que vai além de tudo isso, *Do Começo Ao Fim*, conta uma história de amor de dois irmãos, lembrando que neste filme os dois são homens, Aluisio aborda de forma espetacular esta relação, não concordo com a maioria das críticas que li sobre este filme, este aborda uma relação de amor, tanto que raramente vemos a citação de que eles são irmãos, pois este não é o foco do filme, quanto ao título é confuso, mas creio que este se refere ao crescimento de Thomas e Francisco. Para ver este filme a pessoa tem que ter uma mente muito aberta caso contrário só irá fazer críticas ruins ao filme e/ou a direção, e não tem como, cinema é arte e esta é subjetiva para cada um.

(Depoimento do usuário André Munhoz. Escrita em 17/07 a 20h06min. Site: www.adorocinema.com)

De acordo com o depoimento do usuário André Munhoz, é de que o filme está voltado para uma grande e inesquecível história de amor. Mas o que torna de maneira visível é o processo harmonioso de gestos e textualização, de amor perfeito sem contradições de regras sociais com que o diretor e roteirista do filme trata de um assunto tão instigante, que é o ato incestuoso, primeiro por tratar de um ato criminoso, de acordo com o Artigo 183, do atual código civil, segundo por se tratar de pecado, ou seja, do que não é permitido. Outra questão que este usuário enfatiza é o processo cultural, político, religioso e socioeconômico, existentes nesta produção cinematográfica.

Foucault, em **A Microfísica do Poder**, relaciona Cristianismo no Ocidente com o comportamento sexual dos indivíduos:

O essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer "Para saber quem és, conheças teu sexo". O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja juntamente com o dever de nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano. A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso. (FOUCAULT, 2003, p.78)

A sexualidade não constitui a única forma de manifestação erótica. Entretanto, quando se fala em homo erotismo não podemos relacioná-lo a outra coisa, senão imediatamente ao sexo. Nesse sentido é que podemos confirmar a importância do assunto para estabelecermos conexão com a realidade, como faz Foucault.

A perspectiva de Foucault (2003) é contundente no que se refere ao estatuto de ameaça da sexualidade em relação às bases ideológicas da tradição Cristã. Isso porque em todos os espaços, em todas as épocas da história, sua presença é notada, apesar de muitas tentativas de controle. É nesse sentido que ocorre a subversão.

Muito ruim. Muito ansiei para assistir a este filme... Irreal. Os personagens vivem em algum planeta que com certeza não é a Terra. E justo no Brasil, um país tipicamente machista, chega um filme como esse em que uma relação homossexual - ainda por cima entre dois meio-irmãos - é mostrada como se fosse a coisa mais natural do mundo. Toda a família e amigos aceitam numa boa, sem nem um sinalzinho sequer de preconceito. Por isso digo: IRREAL. Não quero que pensem que sou homofóbico, pois não sou. Eu esperava uma história de homossexualidade para eu torcer pelos dois até o final, mas não precisei torcer para nada, pois foi tudo levado às mil maravilhas. Quando o filme começa a apresentar alguns conflitos entre os dois personagens - coisinha boba - o filme termina. Vou dar dois: um ponto para cada ator pela interpretação”

(depoimento do usuário: Antonio. adicionado em 12 de ago de 2010 às 18h09. site: www.adorocinema.com)

“Realmente não foi nada daquilo que eu esperava. Achei o filme todo meio mal-resolvido. Quando crianças, realmente percebe-se que são irmãos, mas não se vê nada demais. Quando adultos, não se percebe que são irmãos. Há uma lacuna de 15 anos de enredo a ser preenchida. Só pra completar, o texto é bem forçado. Não vale a pena”.

(depoimento do usuário: Loopguy. Adicionado em 06/12 /10as 11h38min. Site: WWW.adorocinema.com)

Como podemos perceber, as críticas dos usuários Antonio e Loopguy estão relacionadas ao processo da suavidade com que o diretor Aluisio Abranches decidiu tratar o filme, não apenas por meio da trilha sonora ou das imagens que podemos encontrar na obra, mas em especial por meio do diálogo e de certo modo também pela falta dele ou da problematização tão esperada por alguns espectadores, revela automaticamente um maneira de fato diferente de tratar a vivência da homoafetividade pelas lentes do cinema brasileiro. Em entrevistas, ao autor o diretor revelou que sua inspiração era falar da família e do amor, usando o termo “desproblematizar” tentou dizer que o amor é bonito e possível mesmo diante de qualquer dificuldade, seja na realidade da homossexualidade ou do incesto. Gostaria ainda de acrescentar a seguinte afirmação do autor e diretor: “Na minha história não tem ferida”; a proposta e investida de Abranches, em tratar com naturalidade a relação homossexual e incestuosa, perspectiva que incomodou inclusive a alguns homossexuais que além dos críticos de cinema esperavam uma problematização dos fatos, mas para Abranches, sua meta fora alcançada: apresentar o amor entre iguais, como algo suave, feliz, possível e natural. Perguntado, Abranches acredita que para os gays de meia idade que tanto lutaram para poderem viver seus afetos e ter acesso aos seus direitos, ver uma relação homossexual e ainda incestuosa, sem enfrentar dificuldades, vivenciada sem lágrimas, acabara sugerindo uma fantasia e não uma realidade.

A reação foi sempre assim, os mais jovens gostam muito do filme por acharem o filme romântico e as mulheres de meia idade também gostaram muito pelo fato de justamente o filme trazer ali algo bonito, uma relação bonita, sem preconceito e é isso, que tanto esses jovens, quanto as mulheres de meia idade gostam em *Do Começo ao Fim*. . A maior resistência que o filme sofreu foi de pessoas homossexuais de meia idade, talvez pelo fato terem vivenciado a necessidade de brigar e de lutar muito para ter acesso aos seus direitos e ir contra o preconceito, provavelmente por isso acabaram não aceitando uma relação sem conflitos. Mas de qualquer maneira ele criou uma discussão, é tanto que mesmo depois de dois anos de lançado você está aí trabalhando com o filme. Ele denotou uma questão que provavelmente o fará durar e quem sabe de certo modo não permitirá que ele seja esquecido(ABRANCHES, EM ENTREVISTA CONCEDIDA a Fernando domingos. 2011).

Entre a infância/adolescência e a juventude/vida adulta, há de fato um abismo e uma ausência de informação. Com a perda da mãe, os irmãos permanecem morando com um dos pais, que se ausenta da casa, só depois da morte da mãe e da saída do pai da casa, o filme mostra o que seria a primeira relação sexual do casal de irmãos. **Do Começo ao Fim** é de fato

delicado, não apenas se tratando do tema abordado, mas da maneira como tudo acontece. A ausência de uma problemática vivenciada em consequência da relação homossexual incestuosa foi questionada como já dissemos anteriormente, mas para *Abranches* tudo ocorreu como planejado, segundo ele a proposta era mostrar a existência de um amor possível e feliz entre iguais, ainda que irmãos e tão diferentes dos padrões normativos estabelecidos. O filme apresenta uma harmonia constante, nas imagens e na trilha sonora, o texto é tão suave quanto à melodia, o sofrimento de fato não tem cadeia cativa, o que percebemos é o sofrimento da ausência do outro vivido tanto pelo Thomas, quanto pelo Francisco. O caçula se dedicou a natação ao ponto de ser convocado para participar de uma olimpíada, vivendo o sonho do Francisco, já o Francisco se tornara médico, vivendo assim o sonho do irmão mais novo. Com a convocação para competir na olimpíada Thomas precisou deixar o Brasil para treinar na Rússia, durante esse tempo percebemos o sofrimento que ambos viveram em especial o Francisco o irmão mais velho, que passa a encenar dias de marasmos na ausência do amado, é arrebatado pela saudade que o lança na cama, onde ele se contorce de dor; desse modo *Abranches* apresenta uma nova realidade de fato no cinema nacional, quando a temática em questão é a homo afetividade, não há indivíduos gays promíscuos ou marginalizados. Há indivíduos que vivem uma relação entre iguais, sadia, equilibrada e legitimada pelo sentimento. O roteiro do filme parece acontecer num tempo que não é o nosso, onde as relações entre iguais são não apenas possíveis, mas legitimadas: “Eu procurei tratar a relação que havia no filme como qualquer outra, não como algo excepcional.”

A legitimidade é carimbada, confirmada e liberada pela família de Francisco e de Thomas, representada no filme pelos pais que de modo algum batem de frente ou se posicionam contra a vivência da afetividade que acontece entre os irmãos. A naturalidade dada ao filme, às imagens sempre apresentadas dentro do espaço e do contexto familiar, a vivência da relação em sua grande maioria à luz do dia, definitivamente fora das sombras ou dos guetos, espaços destinados aos gays e reproduzidos pelo cinema, ganha pela perspectiva e ótica do filme, uma nova realidade legitimada e mais que permitida, abraçada pela família o maior referencial moral sempre mencionada pelos padrões de dominação masculina.

Eu não fui para o debate ou para a filosofia do pode ou não pode. Eu poderia ter feito esse filme todo dentro do consultório de um psicanalista, mas não, preferi fazer o filme dentro de casa, dentro do cotidiano dos dois, dentro de um cotidiano de afeto e de amor, então essa é a boa pegada do filme. Não há brigas, não há discussão. Eu

preferi que isso fosse mostrado da maneira que foi e isso pode ter ficado meio bobo, meio leve, que tudo é bonito, mas é um cotidiano de amor, é um cotidiano familiar. Essa foi a minha proposta. Quando falam que não existe família assim eu digo que existe, eu tive. (risos) A mãe, hoje eu posso falar isso, foi baseada, totalmente inspirada na minha mãe. Tanto minha mãe era médica quanto se chamava Julieta. (ABRANCHES EM ENTREVISTA CONCEDIDA a Fernando domingos. 2011).

Do Começo ao Fim, toma por objeto e centro de sua criação a história de homoafetividade entre dois irmãos, fugindo do debate tenta anunciar aos espectadores a normalidade existente ali, anunciando ou sugerindo que as demais relações que se assemelhem a relação vivida entre Thomas e Francisco que simultaneamente fogem dos padrões de conduta, não devem ser questionadas, impedidas ou julgadas, mas simplesmente vividas a exemplo de qualquer outra.

Durante entrevista o idealizador do filme falou das dificuldades durante a produção, o apoio financeiro foi à etapa mais difícil de realizar, o tema em questão e o detalhe do incesto afastaram alguns supostos e possíveis patrocinadores, um deles chegou a sugerir que a história acontecesse entre duas primas ao invés de dois irmãos. No entanto quanto aos atores, Abranches observa que não viveu dificuldade alguma, mesmo com poucos recursos, cerca de cinquenta novos atores passaram por testes de seleção para fazer o papel dos irmãos e ao mesmo tempo o clima no set de filmagem superou e venceu as dificuldades da falta de recurso e de uma aparente produção nacional.

Aluizio Abranches, enxerga sua obra cinematográfica como uma arte, para isso desconstrói o conceito de que aquele indivíduo homossexual que antes era visto como perverso e pervertido, transgressor da “normalidade”. Deixam de lado os excessos que indicam efeminação do homem, podendo observar isto através da estrutura física e de beleza dos personagens em sua fase adulta Francisco (João Gabriel Vasconcellos) e Thomas (Rafael Cardoso). Sabemos, também, que esse processo foi longo e que ainda não chegou ao fim, que não há uma padronização de características homossexuais, assim como não existe uma padronização de características heterossexuais. Portanto, existem gays que jogam futebol, heteros que dançam balé, sofrimentos enfrentados por ambos são iguais, ou seja, independem de como o indivíduo exerce sua sexualidade. No Brasil, a construção da sexualidade foi baseada numa suposta liberdade sexual, pois se acreditava que aqui poderiam ser vivenciados os desejos e as práticas sexuais vetadas tradicionalmente pela Igreja Católica e pelo Estado. Segundo Da Mata (1991), a literatura antropológica mostrava a sexualidade brasileira como

supostamente liberal e só a partir da década de 1970, com o desenvolvimento dos estudos sobre gênero no Brasil que esse mito foi refutado. O mesmo precisa ser feito com relação à intolerância sexual, ou seja, desmistificar a idéia de que ela não existe, rompendo com a idéia de que nós brasileiros convivemos pacificamente com o desejo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o Filme *Do Começo ao Fim* de Aluizio Abranches veio me proporcionar um prazer imenso por se tratar de um assunto polêmico: relação homo afetiva incestuosa. Também, propor-me conhecer melhor o comportamento humano e suas relações sociais, em suas dimensões: Cultural, fisiológica, psicológica. Pois, mostrar-nos como se dá as manifestações que vai desde o erotismo homo afetivo à construção dos sujeitos históricos; outras formas de expressões e atitudes: de amar e ser amado, de compreender e ser compreendido na contemporaneidade.

Por mais que sintamos o ímpeto de afirmar não se tratar de algo natural, não é isso que os indícios apontam. Muitos sociólogos, antropólogos, psicólogos e biólogos estudaram e estudam com afinco essa questão e até hoje não está muito claro o motivo de existência do tabu do incesto. Mas uma coisa é consenso: esse tabu é universal. Existe em todas as sociedades conhecidas, mas as noções de parentesco podem variar entre elas. Mas em todas as organizações sociais conhecidas existe algum parente “proibido”. O antropólogo Claude Lévi-Strauss, usa esse raciocínio para explicar o tabu. A união entre natureza e cultura, a qual consiste no fato de a natureza impor a aliança, porém sem especificar como a mesma irá ocorrer. Não existe distinção, para a natureza, entre mãe e filho e irmã e irmão, vice-versa, e é aí que entra a cultura. A cultura sim dita o funcionamento, os mecanismos pelos quais essas uniões/alianças irão ocorrer.

Porém, o problema do incesto não reside em provar quais as configurações históricas levam a tais ou quais modos de instituições de sociedades em particular, mas sim que causa profunda faz com que todas as sociedades em todos os lugares e tempos regulem as relações entre os sexos. A proibição do incesto é a única regra que assegura o domínio da cultura sobre a natureza. É ao mesmo tempo o passo dado da natureza e da cultura. É o vínculo que une as duas. Sem ela a cultura ainda não está dada, com ela a natureza deixa de existir como um reino soberano.

Freud observa como o homem ao longo dos tempos vem construindo nas suas relações sociais as “proibições” e o como está intrinsecamente focado no processo psicológico do indivíduo, sob suas variadas maneiras de conceituar, de agir, de pensar: A neurose, o hereditário, as tentações, em fim, o sujeito em seu percurso evolutivo ou de estranhamento. O olhar desses dois autores, sem dúvida, veio enriquecer este trabalho onde é pautado o tabu do

incesto, assim como os depoimentos dos usuários nas redes sociais, especialmente no Orkut, dando suas opiniões sobre o filme *Do começo ao Fim*.

Todavia, pensamos que é possível uma nova vivência dentro da sociedade, que nela possamos ser atento as incompreensões e violações aos direitos de livre expressão afetivos sexual, de identidade de gênero e o entendimento do cotidiano, das diferenças, como construções sociais, históricas e culturais possam contribuir para elaboração de projetos de emancipação, que serão construídas no presente, a partir dos inconformismos do passado e com as perspectivas de opções do futuro, dando-nos um novo e positivo significado à diversidade sexual. Quer sejam através da literatura, filmes, artigos etc. que abordam a homossexualidade e suas subjetividades, abrindo-nos um leque de conceitos estruturais a favor da causa das diferenças culturais, raciais, étnicos, políticos e de cunho social.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras –14ª reimpressão, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras –14ª reimpressão, 2004.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1991.

DOMINGOS, Fernando. **Do Começo ao Fim e Como Esquecer: Uma análise histórica entre a legitimidade e o cotidiano das relações homo afetiva no cinema**. P. 1-10. 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. V.3. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Lisboa, Relógio d'Água, 1994.

FERRO, Marc. **O Filme: Uma contra-análise da sociedade?** In: NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos**. R.J.: Francisco Alves, 1975.

FUNISS, Tilman. **Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed. 2002.

GOMES, Luiz Flávio. **Código de processo penal**. 3ª ed. São Paulo: RT, 2001. LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Estudos feministas: Teoria Queer** – Uma política pós-identitária para a educação. 2001.

MANN, William J. **Bastidores de Hollywood: a influência exercida por gays e lésbicas, 1910-1969**. São Paulo: Editora Landscape, 2002.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORENO, Antonio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Funarte/EDUFF, 2001.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. **Matei porque odeio gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

NASCIMENTO, Vladimir de Sousa. “**Sou filha ou amante?**” – **A percepção de meninas violentadas sexualmente acerca da figura materna: uma revisão de literatura**.

UNIFACS. Salvador, 2005.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentic.

2003. PONTES, Andréa Mello. **O tabu do incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss**, Belém, ano 4, nº 1, p.7-14.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

TREVISAN, José Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FILME:

ABRANCHES, Aluizio. **Do começo ao fim**. [Filme-vídeo]. Aluizio Abranches, Fernando Libonati, Marco Nanini. Rio de Janeiro. 2009.

Ficha Técnica

Estado: Em DVD

Título Original: Do Começo ao Fim

Gênero: Drama

Direção: Aluizio Abranches

Roteiro: Aluizio Abranches

Elenco: Louise Cardoso (Rosa) Rafael Cardoso (Thomás (adulto)) Lucas Cotrin (Francisco (criança)) João Gabriel Vasconcellos (Francisco (adulto)) Júlia Lemmertz (Julieta) Gabriel Kaufmann (Thomás (criança)) Fábio Assunção (Alexandre) Jean Pierre Noher (Pedro)

País de Origem: Brasil

Estréia no Brasil: 27 de Novembro de 2009

Estréia Mundial: 2009

Duração: 100 minutos

ENTREVISTA:

ABRANCHES, Aluizio. Concedida a Fernando Domingos, em 27 de dezembro de 2011.

Outras fontes:

Disponível em:

<http://divirta-se.correioweb.com.br/>. Acessado em: 12/05/2012. 14.35 h

<http://www.baixarfilmesdublados.net>. Acessado em 12/05/2012. 17.40h

<http://www.colheradacultural.com.br/>. Acessado em: 12/05/12. 13.3

WWW.adorocinema.com. Acessado em: 14/06/12. 11.45h

WWW.ambito-juridico.com.br. Acessado em: 14/06/12. 14.50h